

MODOS DE FALAR DE CRIANÇAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL: EM BUSCA DE INDÍCIOS QUE CARACTERIZEM LINGUAGENS SOCIAIS DAS CRIANÇAS

Adriana Santos da Mata¹

Compreender os modos como crianças pequenas falam e dão sentidos para o mundo sociocultural em que vivem como sujeitos ativos, em relação com os demais sujeitos, buscando pistas e indícios que caracterizem linguagens sociais das crianças é o objetivo deste artigo. Neste exercício de compreensão, recorro a histórias narradas por crianças de três a cinco anos de uma instituição pública de Educação Infantil da cidade de Niterói (RJ) e situações de enunciação infantis.

A teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin (2010) e a investigação indiciária de Ginzburg (1990) são as bases teórico-metodológicas deste estudo em andamento.

As análises preliminares indicam que, nas relações de convivência, as crianças pequenas aprendem linguagens diversas, fazem inferências e referências a conhecimentos já adquiridos, utilizam a língua materna em diferentes situações discursivas. As histórias narradas e os eventos cotidianos mostram que: as vivências² das crianças se entrelaçam às histórias elaboradas; elas conhecem os elementos da realidade, pois fazem parte de sua experiência anterior, e promovem uma combinação entre eles dando origem a algo novo; crianças conhecem linguagens sociais de diferentes áreas de estudo na escola, mesclando com suas vivências e ampliando suas referências de mundo; elas utilizam linguagens sociais próprias entre pares, especialmente nas situações de brincadeira, reelaborando, produzindo sentidos, relacionando às suas vivências e incorporando conhecimentos da cultura, da tecnologia, do mundo.

Linguagens sociais das crianças

De acordo com Bakhtin (2010), cada camada social, geração, profissão, idade, tem suas linguagens, com vocabulário próprio e sistema de acentos específicos, em cada época histórica da vida ideológica e verbal. Estas linguagens são socialmente típicas, localizadas, limitadas e coexistem com outras linguagens do passado e até do futuro, em um processo contínuo e dinâmico. As linguagens sociais são carregadas de conteúdos estabelecidos, específicos, e se realizam em direções bem definidas. Formam-se em grupos determinados que se identificam e conformam modos próprios de falar, de interpretar, de representar e de agir no mundo sociocultural e ideológico.

Ao elaborar a teoria do romance, o autor destaca que o homem se relaciona não com uma, mas com muitas linguagens, e que passa de uma a outra de maneira automática, como alguém que vai de um quarto para outro. Estas linguagens não entram em choque na consciência do homem, ele sabe quando deve usar cada uma delas. Cita como exemplo o camponês analfabeto que vive nos confins do mundo e utiliza a linguagem de acordo com a ocasião: fala em uma língua para rezar a Deus, canta em outra, usa uma terceira no ambiente familiar, dita uma

¹ Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil: E-mail: addamata@hotmail.com.

² Trago o conceito de vivência no sentido proposto por Vigostki (2006) que diz que: “a vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado - a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa - e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a unidade das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência”.

petição ao escrivão em língua oficial. Isto porque ele sabe da necessidade da escolha de uma linguagem, sua consciência está orientada para o pluridiscursos nas situações da vida real. (BAKHTIN, 2010, 102)

Estas premissas nos permitem uma aproximação da criança pequena com o camponês. Podemos dizer que a criança, embora tenha poucos anos de vivência no mundo, também convive, desde muito cedo, com múltiplas linguagens, em diferentes grupos sociais (família, vizinhos), e instituições (escola, igreja, etc.). Nas relações discursivo-dialógicas, as crianças aprendem sobre a língua materna e as diversas linguagens, estabelecem correlações, ampliam seu universo de referências, valores, crenças, conhecimentos. E elas falam e dão sentidos ao mundo sociocultural de maneiras muito peculiares, em linguagens sociais próprias.

A metodologia de investigação indiciária mostra-se adequada ao estudo, devido à complexidade da busca de aspectos que possam caracterizar linguagens sociais das crianças e à pouca produção acadêmica com a concepção de linguagens sociais. Ginzburg (1990) apresenta diversos saberes indiciários: dos caçadores, dos detetives, dos analistas de pinturas, dos médicos, e explica que eles vão interpretando sinais, seguindo pistas, prestando atenção aos indícios e aos detalhes para remontar uma realidade complexa e dar coerência aos eventos. O paradigma indiciário pode orientar na busca de pistas, detalhes, particularidades, que ajudem na compreensão de alguns aspectos das linguagens sociais das crianças.

Em busca de indícios...

Analisando narrativas de crianças de três a cinco anos, elaboradas para a construção do Livro de Histórias da Turma (LHT) de uma escola pública de Educação Infantil³, destacamos que as vivências das crianças se entrelaçam às histórias elaboradas, como podemos observar na produção de Laura:

Os filhos e os pais e as mães

As meninas estavam grávidas de dois gêmeos. O sol estava feliz. As meninas estavam felizes. Os primos também. A casa estava com tudo de neném: berço, cadeira de papa, cadeira que o neném fica sentado, brinquedos, chupeta, mamadeira. Faltavam dois meses pra eles nascerem. O nome deles vai ser Murilo e Ana Beatriz. Os bebês de Carol vai ser Júlia e João.

LHT: Laura, 4 anos, 16/08/2007

Contextualizando a elaboração desta história, afirmamos que Laura, de quatro anos, traz vivências pessoais, a começar pelo fato dela ter um irmão gêmeo. Ela escolhe o nome “Murilo” para um dos bebês, fazendo referência ao nome do filho de uma professora que tinha nascido há poucos meses. A personagem “Carol” é Ana Carolina, a amiga da turma que estava sentada à mesa, junto com Laura, também produzindo um desenho para o LHT.

Ao buscar compreender as linguagens infantis, percebemos que as crianças conhecem os elementos da realidade, pois fazem parte de sua experiência anterior, e promovem uma combinação entre eles dando origem a algo novo, tal como faz Alexia:

³ O Livro de Histórias da Turma (LHT) é uma atividade desenvolvida na Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa (Niterói-RJ), desde o ano de 2005. Cada criança cria um desenho no papel e dita uma história para a professora escrever. Em seguida, são feitas cópias do trabalho para todas as crianças do grupo. Crianças e professora leem a história, fazem comentários e perguntas e, em seguida, as crianças colorem ou aplicam alguma técnica ao desenho. No final, as crianças escolhem o título do livro, assinam a capa dos autores/ilustradores e todas levam um exemplar do livro da turma para casa.

Eu e Victória estamos dançando, brincando, pulando, se divertindo de mãos dadas.
A gente não mora perto, mas no desenho a gente mora perto. A borboleta tá voando onde a gente tá, lá em Niterói.
Vai ter uma festa da Victória em Niterói.
Tia Espedita vai estar na festa. Já tá convidada.
Só que a festa não é agora, é depois. Mas a gente tá brincando.

LHT: Alexia, 5 anos, 03/11/2009

Alexia, ao produzir sua história, estabelece uma relação íntima entre realidade e fantasia, mesclando personagens reais e imaginários. Nas histórias de muitas crianças, encontramos personagens reais, nomes e sobrenomes reais e histórias nem tão reais, mas que combinam elementos reais criando algo novo. No exemplo acima, a criança declara que o seu desenho permite tornar um desejo realidade.

Merece destaque também os modos próprios como as crianças utilizam linguagens sociais entre pares, especialmente nas situações de brincadeira, reelaborando, produzindo sentidos, relacionando às suas vivências e incorporando conhecimentos da cultura, da tecnologia, do mundo. Vejamos a produção de Lucas:

Pega-pega

Eu, Hugo, Laura, Wendel, eu e Carol tamos brincando de pega-pega. Wendel tá pegando eu. Carol tá pegando Wendel. Eu tô pegando Laura. Hugo tá pegando Wendel. Laura tá pegando Hugo. A brincadeira foi legal.

LHT: Lucas, 3 anos, 05/11/2007

Lucas, de três anos, traz um tema bastante recorrente nas histórias infantis: a brincadeira. Aqui o menino narra a brincadeira de pique ou pega-pega, na qual as crianças - que são os seus colegas de turma - correm, movimentam-se bastante. Podemos imaginar e até visualizar o movimento das crianças na história contada por Lucas em poucas e significativas palavras!

As crianças constroem na brincadeira formas próprias e criadoras de ação sobre o mundo, criam uma nova ordem, deslocam princípios que regulam a realidade cotidiana. Elas criam e recriam cenários, sequências de ação e situações imaginárias, transitando, muito à vontade, entre o real e a fantasia. E ainda transformam objetos do mundo “real” em outros, brincam com um objeto como se fosse outro e brincam também de serem outras pessoas. As crianças estabelecem regras sociais próprias, invertem e brincam com a ordem instituída. (BORBA, 2005, p. 270)

Trazemos mais um elemento para este exercício de compreensão das linguagens sociais das crianças: as linguagens sociais de diferentes áreas de estudo na escola. As crianças da Educação Infantil chegam com conhecimentos sobre muitos campos do saber, mesclando às suas vivências e ampliando suas referências de mundo. Tal como verificamos na história de Raphael:

Os dinossauros procurando comida

Na época dos dinossauros, há milhões e milhões de anos atrás, era o tempo dos grandes lagartos: os dinossauros.

Alguns viviam no Cretáceo e outros no Jurássico.

Eles andavam procurando comida e água. Quando eles encontraram, eles bebiam e comiam.

O Tiranossauro Rex comia os dinossauros da sua espécie no Cretáceo.

LHT: Raphael, 5 anos, 20/08/2012

Raphael, de cinco anos, narra um texto que tem características do gênero científico e utiliza termos próprios da área de Ciências: Cretáceo, Jurássico, espécie, grandes lagartos, Tiranossauro Rex.

Em nossa sociedade, a escola é a primeira instituição que grande parte das crianças pequenas frequenta fora do convívio da família. E na escola também há modos próprios de falar, de acordo com as áreas de estudo. Assim é que os conhecimentos da Matemática, Biologia, Literatura, História, Geografia, Física, etc., são estruturados em diferentes construções composicionais que conformam modos de compreender a realidade de perspectivas variadas. Segundo Goulart (2013), tais áreas se formam como diferentes linguagens sociais “orientadas por projetos enunciativos que ordenam e codificam os conhecimentos de determinadas maneiras”.

Entendemos que a escrita do conhecimento de cada área se organize como uma linguagem social própria, com distinções metodológicas, umas em relação a outras, orientadas por princípios básicos de seleção e constituição de enunciados específicos, cumprindo funções também específicas, que conformam as esferas de conhecimentos escolares. Não se trata, entretanto, de linguagens fixas, prontas, pelo contrário, as linguagens sociais, exprimindo valores, vivem, lutam e evoluem no plurilinguismo social. São discursos peculiares a estratos específicos da sociedade, profissionais, etários, num determinado sistema social e num determinado tempo. (GOULART, 2013)

As crianças chegam à escola com suas linguagens sociais cotidianas e começam a aprender e a consolidar novas formas de compreender o mundo e a sociedade durante toda a experiência escolar. No entanto, as linguagens sociais escolares também se banham nas linguagens cotidianas que são as âncoras fortes das vidas das crianças. O que se espera é que as crianças consigam utilizar as linguagens nas situações sociais, seja para ouvir e falar ou para ler e escrever.

Considerações finais

Neste exercício, busquei apresentar, brevemente, algumas pistas que ajudem a caracterizar linguagens sociais de crianças pequenas.

Por meio de histórias narradas e situações vivenciadas com crianças, tenho procurado compreender como elas vão se apropriando, elaborando, criando, produzindo sentidos para a realidade de maneiras próprias e expressando seus pensamentos, conhecimentos e sentimentos com linguagens muito peculiares. Linguagens sociais que são construídas com vocabulário, entonação, organização e intenção específicos, retratando diferentes contextos, referindo-se a várias situações, falando a muitos destinatários e respondendo a diversos discursos. Nas relações discursivas e dialógicas, as crianças vão construindo seus sistemas de referência,

compostos pelos momentos de enunciação com seus pares (adultos e outras crianças) em que conhecimentos, valores, opiniões, convicções, preconceitos, etc., vão formando-as como sujeitos socioculturais e históricos.

Crianças pequenas compreendem as diferentes formas como o conhecimento é estruturado, sistematizado e apresentado em linguagens sociais das diversas áreas do saber. Desde a Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental, demonstram, em suas produções, aspectos de linguagens sociais de diferentes áreas de estudo.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)**. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Jr., Augusto G. Jr., Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: Hucitec, 2010. 6. ed.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009. 13. ed.

BORBA, Angela Meyer. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 4-6 anos em instituição pública de educação infantil**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2005.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GOULART, Cecília M. A. **A elaboração de textos escritos em diferentes áreas do conhecimento: a produção escrita como espaço político de aprendizagem do discurso socialmente elaborado**. Relatório de pesquisa, PQ/CNPq nº. 306915/2009-0, março de 2010 a fevereiro de 2013.

SUASSUNA, Lívia. Pesquisa qualitativa em Educação e Linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 341-377, jan./jun. 2008.

VIGOTSKI, Lev S. A quarta aula: a questão do meio na pedologia. Márcia Pileggi Vinha (Trad.); Max Welcman. In: **Dossiê Vigotski**. São Paulo: USP, 2010. vol. 21 n. 4.